

12

18 . XII . 57 . 17,30 H.

cine clube
universitário

t o r t u r a

Realização: Alf Sjöberg . Argumento, planificação e assistente de realização: Ingmar Bergman . Décors: Arne Akermark . Música: Hilding Rosenberg . Fotografia: Martin Bodin . Montagem: Oscar Rosander . Som: Gaston Cornelius e Lennort Svensson . Intérpretes: Stig Jarrel (Calígula), Gösta Ceredkund (Pippi), Olof Winnerstrand (Rector), Alf Kjellin (Jan-Erik Widgren), Stig Olin (Sandman), Jan Molander (Pettersson) Mai Zetterling (Bertha), Olav Riego (Direktör Widgren), Marta Arbin (Fru Widgren), Hugo Björne (Lakaren), Anders Nyström (Bror Widgren) . Produção: Sveusk Filmindustri — 1944 . Distribuição em Portugal - Sonoro Filme.

Prémio do Festival de Cannes — 1946.

VALE FORMOSO

ALF SJÖBERG — o realizador

Alf Sjöberg pertence ao grupo de realizadores que fez a sua iniciação na última década e que quis dotar os seus filmes de vida e nervo dramático, mediante a utilização duma técnica expressionista. Teve o mesmo êxito de Ingmar Bergman ao tentar dar à sua obra um cunho próprio; mas existe entre ambos uma acentuada diferença na maneira de trabalhar, facilmente verificável nos seus filmes. O interesse essencial de Sjöberg reside no próprio filme, na sua composição e iluminação. Pictoricamente é, sem dúvida alguma, o realizador sueco mais importante, como também o é quanto à segurança de estilo; além disso, é dum tipo intelectual frio, totalmente divergente de Bergman, mas um brilhante director de actores. A influência mais aparente no trabalho de Sjöberg provém do cinema francês dos anos trinta, ainda que seja óbvia a sua dívida para com o cinema russo da época do mudo e sobretudo para com Eisenstein, que recorda pelo vincado estilo e pela justeza analítica da composição.

Tal como Ingmar Bergman, Sjöberg não fez um filme sem importância, devido em parte à sua exigência na escolha dos temas. A sua sensacional estreia foi o filme sonoro *MED LIVET ROM INSATS*, original não só pelo artístico desenho e caracterização psicológica, mas também pela paixão pela liberdade. A apresentação do meio era extraordinária, como o era também num filme de marcada influência francesa acerca do arquipélago de Estocolmo — *DEN BLOMSTERID* (1940) e em menor grau em *REGRESSO DE BABILÓNIA* (1941). No ano seguinte Sjöberg provou a sua capacidade num brilhante resultado — o único filme em que levou até ao ponto máximo o estilo neo-nacional, ao qual transmitiu, sem dúvida, a sua inconfundível personalidade — *A ESTRADA QUE CONDUZ AO CÉU*. Uma das obras mestras do cinema sueco de todos os tempos, devido aos seus elementos genuinamente campestres, especificamente sueco, de tal maneira genuínos que o público estrangeiro não estará jamais

em condições de captá-los por completo. Era superiormente dirigido este drama épico-lírico de vida e morte, pecado e arrependimento, *Deus e Demónio*, que Sjöberg produziu baseando-se num drama de Lindstrom e pelo qual se verificava — talvez com surpresa — que ele conseguia manter os meios tons da bíblica piedade e da devoção originais, a melancolia das noites estivais nas canções populares e a ruidosa alegria dos que bebiam.

TORTURA é já internacionalmente conhecido; mas *RESON BORT* (1945) é, sem dúvida, desconhecido. Constitui possivelmente um dos seus trabalhos mais pessoais (foi escrito por ele mesmo) e ainda mais ajustadamente composto no seu estilo pictórico do que *TORTURA*. A ironia deste drama-triângulo, acerca da cobarde intenção de certas pessoas de se evadirem da realidade, foi desconhecida pela crítica e este filme pictoricamente brilhante e envolto em dramatismo não foi apreciado de acordo com os seus méritos. Este caso repetiu-se com *IRIS OCH LOJTNANTSHJARTA* (1946) onde a humana compaixão e ternura na narração da melancólica história de amor de um jovem par, realçava brutalmente a desolada vacuidade da codiciosa classe superior. Depois deste filme, realizado com o mesmo brilho de estilo pictórico inconscientemente já associado ao nome de Sjöberg, sobreveio uma pausa de três anos. Só em 1949 voltou aos estúdios. Com o filme *BARA EM MOR*, provou todavia que era um grande realizador. Trata-se de um filme tipicamente seu, com cada detalhe totalmente estudado, um filme novo sob o ponto de vista do meio, mostrando o seu amplo registo e a sua capacidade para dotar de veracidade as personagens, mediante cuidadosa estilização. O mesmo acontece com *RYA-RYA*, que na versão de Sjöberg é uma pessoa isolada num pequeno mundo, incapaz de compreender-se a si própria: descreve o seu desesperado intento de romper esse isolamnto.

HUGO WORTZELIUS

(in "Festival de Cine Sueco" — Julho-Novembro de 1955 — Uruguay)

Filmografia de ALF SJÖBERG

- DEN BLOMSTERID (Época das flores) — 1940
- MED LIVET SOM INSATS
- REGRESSO DE BABILÓNIA (HEM FROM BABYLON) — 1941
- A ESTRADA QUE CONDUZ AO CÉU (HIMLASPELET) — 1943
- TORTURA (HETS) — 1944
- RESON BORT (EVASÃO) — 1945
- IRIS OCH LOJTNANTSHJARTA (IRIS E O SEU TENENTE) — 1946
- BARA EN MOR — 1949
- VERTIGEM (FROKEN JULIE) — 1950
- BARRABÁS — 1953
- KARIN MANDSDOTTER — 1954

INGMAR BERGMAN — o argumentista e cenarista

Ingmar Bergman é dos maiores realizadores suecos modernos, segundo a crítica. Realizou já 17 filmes, dentre os quais o último logrou grande êxito nos festivais internacionais de cinema. No entanto a sua obra continua totalmente desconhecida entre nós. As inibições de ordem comercial continuam a impedir-nos de tomar contacto com grandes obras do cinema mundial. Isso nos mostra a grande tarefa a realizar pelos cine-clubes por-

tuêses, na esteira do que em 1954 fez o Cine-Clube do Porto ao exhibir, pela primeira e única vez nesta cidade, «LES ENFANTS DU PARADIS» de Marcel Carné e «LES DAMES DU BOIS DE BOLOGNE» de Robert Bresson.

Pela posição de primeira ordem que Ingmar Bergman ocupa no cinema sueco e no cinema mundial, é justo e é necessário que a sua obra seja conhecida em Portugal.

Ingmar Bergman é filho dum pastor. O que explica em parte as preocupações religiosas e mesmo os acentos de revolta, de que se acha impregnado o conjunto da sua obra, em face dos problemas da fé. Nasceu em 1918, dirigiu um grupo teatral de estudantes durante os seus anos de universidade, depois efectuou um estágio de assistente de encenador na Ópera de Estocolmo. Integrado no teatro, montou em seguida várias peças nos teatros municipais de Halsingborg e Gothenburg (entre as quais Calígula de Albert Camus), sendo depois contratado como encenador no Teatro Real Dramático de Estocolmo. Enquanto ia escrevendo algumas peças e diversos romances, tornou-se amigo de Alf Sjöberg que partilhava a sua actividade entre o teatro e o cinema e que então lhe pediu o argumento para um filme. Bergman escreveu-o; foi TORTURA, que Sjöberg realizou em 1944. No ano seguinte Bergman tornou-se ele próprio realizador. Na hora actual é um dos três da nova escola cinematográfica sueca, de que a maior parte das obras importantes continuam ausentes da Europa meridional.

J. B.

(in Cahiers du Cinéma, n.º 61, pág. 20, Julho de 1956)

A personagem habitual de Bergman é uma jovem mulher que mantém relações hostis ou nulas com a sua família, não está satisfeita com o seu trabalho e anseia reviver um amor lírico do passado, ou culminar líricamente um amor presente. (1)

(in "Film", n.º 14, Julho de 1953)

(1) "Film" — revista editada por um cine-clubes universitário do Uruguai.

H E T S — o f i l m e

TORTURA é um estudo lírico da adolescência, que de certo modo lembra RAPARIGAS DE UNIFORME de Leontine Sagan. O filme tem, para mim, o mesmo fascínio de experiências literárias como «Les Faux Monnayeurs», de André Gide, «Le grand Meaulnes», de Alain Fournier, ou certas coisas de Robert Francis em LA CHUTE DE LA MAISON DE VERRE: Tudo que há de puro e ardente na adolescência parece ter-se transmutado para a figura de Alf Kjellin, que tem o papel principal do filme.

A velha pátina da fotografia europeia satura de autenticidade todas as imagens. O filme é a história de um estudante, Jan-Erik Widgren, cujo destino se prende a uma papéfica jovem de nome Bertha (admiravelmente interpretada por Mai Zetterling). Ao encontrá-la, uma noite, bêbeda na rua, não sabe o rapaz que ela é vítima, física e moralmente, de um seu professor de colégio, a que todos chamam CALÍGULA, espécie de tirano cujo sadismo o leva a torturar tudo o que encontra de moço e de vivo, como compensação às próprias frustrações. Os jovens apaixonam-se profundamente, até que o típico egoísmo masculino de Widgren leva-o a abandonar a menina, ao contar-lhe ela que uma noite, subrepticamente o monstro havia voltado.

A cena entre os dois é cruel, ela sem ter o que dizer, totalmente desamparada, e o rapaz ferido em seu mundo de pureza e em seu amor

adolescente. Arrancam-se um do outro. A tragédia segue-se inevitável. Um dia, desesperado, Widgren volta ao pequeno quarto pobre onde sua vida se iluminara, mas encontra a namorada morta, e, a um canto, trémulo de pavor, o odioso CALÍGULA. O rapaz acusa-o, mas não fora ele. Bertha morrera de alcoolismo, possivelmente de dor. CALÍGULA é solto pela polícia e torna às suas funções no colégio. Mas Widgren é expulso. Na acção em frente do director, o rapaz agride CALÍGULA, num acesso de fúria. O final é carregado de tristeza, com a formatura dos colegas, que Widgren, dum canto da rua, vê saírem alegres pela chuva. A falta da jovem companheira; o contacto directo com a miséria do mundo; o remorso da sua própria cobardia; o sentimento da expulsão do colégio, tudo isso abre no coração do adolescente uma ferida que só se fecha depois dum visita paternal que lhe faz o director, ao longo de uma noite de agonia e de despojamento totais, quando tudo nele extravasa em desconsolo, em arrependimento, em lágrimas.

O filme termina com a chegada da manhã que restitui ao mundo um Widgren ainda desolado, mas cuja face revela mais compreensão e experiência. A volta do rapaz para a cidade, vista do lado da colina onde se encontra, constitui uma imagem de grande pureza, que me traz outra não menos pura a do final de ROMA, CIDADE ABERTA, quando os meninos voltam para Roma, que se vê ao longe depois do fusilamento do Padre. São ambas afirmativas, revelando, senão optimismo, pelo menos uma dura confiança no futuro e uma fé nos destinos do homem.

A história de HETS não apresenta nada de especialmente original. É um pedaço de vida de um adolescente em crise, quando todas as suas energias são experimentadas. O que, por um estranho paradoxo do tempo, é original em HETS é a simplicidade com que a história é narrada pela câmara, nas pegas do bom cinema sueco de Sjöström e Stiller. Desde o grande «close-up» inicial, que permanece durante o correr das primeiras legendas, tudo no filme é dito com singeleza essencial ao tema. Não há qualquer sofisticação, qualquer intenção de «fazer inteligência», qualquer

vontade de brilhar. As cenas de amor entre Bertha e Widgren podem-se contar entre as mais delicadas que já foram feitas. O tratamento da personagem de Calígula, o tarado professor, muito bem representado pelo actor Stig Jarrel, é levado à frente sem recursos desnecessários à angulação e ao exagero do preto e branco, tão comuns nos filmes alemães expressionistas e post-expressionistas do mesmo género. HETS diz tudo o que quer em poucas palavras, para não dizer imagens. A actuação das três figuras centrais é modelar, recomendando-se especialmente a da actriz Mai Zetterling. A direcção de Alf Sjöberg é seguríssima e a fotografia de Martin Bordin, na melhor tradição europeia. O argumento de Ingmar Bergman, sofre de uma certa descontinuidade que a mim, que sou bastante contra o abuso da continuidade em cinema, me pareceu de óptimo resultado (...).

VINICIUS DE MORAIS

(in "Filme", Brasil, n.º 1, Agosto de 1949)